

ROLANDO VOLZONE  
JOÃO LUÍS FONTES  
DIANA MARTINS  
(EDITORS)

# ARCHITECTURES OF THE SOUL:

MULTIDISCIPLINARY APPROACHES  
TO THE EXPERIENCES  
AND LANDSCAPES  
OF SECLUSION AND SOLITUDE

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



## ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

### Volumes publicados

1. Pedro Penteado – *Peregrinos da Memória: O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa, 1998. ISBN: 978-972-8361-12-9
2. Maria Adelina Amorim – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-20-4
3. *Colóquio Internacional A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu – The Church and the Portuguese Clergy in the European Context*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-21-1
4. António Matos Ferreira – *Um Católico Militante Diante da Crise Nacional: Manuel Isaiás Abúndio da Silva (1874-1914)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-25-9
5. *Encontro Internacional Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (séc. XII-XIV) – Ecclesiastical Careers in Western Christianity (12th-14th c.)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-26-6
6. Rita Mendonça Leite – *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-28-0
7. Jorge Revez – *Os «Vencidos do Catolicismo»: Militância e atitudes críticas (1958-1974)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-29-7
8. Maria Lúcia de Brito Moura – *A «Guerra Religiosa» na I República*. Lisboa, 2010. ISBN: 978-972-8361-32-7
9. Sérgio Ribeiro Pinto – *Separação Religiosa como Modernidade: Decreto-lei de 20 de Abril de 1911 e modelos alternativos*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-35-8
10. António Matos Ferreira e João Miguel Almeida (coord.) – *Religião e Cidadania: Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-36-5
11. Ana Isabel López-Salazar Codes – *Inquisición y política: El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-39-6
12. Daniel Ribeiro Alves – *Os Dizimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*. Lisboa, 2012. ISBN: 978-972-8361-42-6
13. Hugo Ribeiro da Silva – *O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder (1564-1670)*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-49-5
14. Anísio Miguel de Sousa Saraiva – *Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, sécs. XII a XX*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-57-0
15. Maria João Oliveira e Silva – *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-54-9
16. Anísio Miguel de Sousa Saraiva e Maria do Rosário Barbosa Morujão (coord.) – *O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-59-4
17. António Camões Gouveia, David Sampaio Barbosa e José Pedro Paiva (coord.) – *O concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: Olhares Novos*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-60-0
18. João Furtado Martins – *Corrupção e incúria no Santo Ofício: ministros e oficiais sob suspeita e julgamento*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-65-5
19. João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade e Tiago Pires Marques (coord.) – *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-61-7
20. Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX*. Lisboa, 2016. ISBN: 978-972-8361-76-1
21. Luís Carlos Amaral (coord.) – *Um poder entre poderes: nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense*. Porto, 2017. ISBN: 978-972-8361-72-3
22. Paulo F. de Oliveira Fontes e Carla Santos (coord.) – *Apostolado de Adolescentes e Crianças em Portugal: história de um movimento*. Lisboa, 2017. ISBN: 978-972-8361-79-2
23. João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade e Tiago Pires Marques (coord.) – *Género e interioridade na vida religiosa: conceitos, contextos e práticas*. Lisboa, 2017. ISBN: 978-972-8361-77-8
24. António Camões Gouveia, José Nunes, Paulo F. de Oliveira Fontes (coord.) – *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*. Lisboa, 2018. ISBN: 978-972-8361-81-5
25. Adélio Fernando Abreu e Luís Carlos Amaral (coord.) – *Dos Homens e da Memória: Contributos para a história da Diocese do Porto*. Porto, 2018. ISBN: 978-972-8361-84-6
26. Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar: um “teólogo da ação” no Portugal Contemporâneo*. Lisboa, 2019. ISBN: 978-972-8361-89-1
27. Adélio Fernando Abreu e Luís Carlos Amaral (coord.) – *Entre a Monarquia e a República: Os tempos de D. António Barroso no centenário da sua morte (1918-2018)*. Lisboa, 2020. ISBN: 978-972-8361-90-7
28. Leonardo Cohen (ed.) – *Narratives and Representations of suffering, failure, and Martyrdom: Early Modern Catholicism confronting the adversities of History*. Lisboa, 2020. ISBN: 978-972-8361-93-8
29. António Matos Ferreira (coord.) – *Religião, Sociedade, Estado: 100 anos de Separação. Volume 1*. Lisboa, 2021. ISBN: 978-972-8361-97-6
30. António Matos Ferreira (coord.) – *Religião, Sociedade, Estado: 100 anos de Separação. Volume 2*. Lisboa, 2021. ISBN: 978-972-8361-64-8
31. Adélio Fernando Abreu e Luís Carlos Amaral (coord.) – *Catedrais, Cabidos e Capitulares: Um longo percurso institucional e cultural*. Lisboa, 2021. ISBN: 978-989-53287-1-0
32. Rolando Volzone, João Luís Fontes e Diana Martins (ed.) – *Architectures of the Soul: Multidisciplinary approaches to the experiences and landscapes of seclusion and solitude*. Lisboa, 2022. ISBN: 978-989-53287-4-1

**Title:** Architectures of the Soul: Multidisciplinary approaches to the experiences and landscapes of seclusion and solitude

**Editors:** Rolando Volzone, João Luís Fontes e Diana Martins

**Scientific Committee / Peer Review:**

Alexandra Paio (DINÂMIA'CET-Iscte | ISCTE-IUL); Alfredo Teixeira (UCP-CITER; UCP-CEHR); Ana Paula Amendoeira (DRCAleentejo); Antónia Fialho Conde (CIDEHUS-UÉ; UCP-CEHR); Antonio Bertini (CNR-ISMed); António Camões Gouveia (CHAM-NOVA FCSH; UCP-CEHR); Aurora Carapinha (CHAIA-UÉ); Carlos Moreira Azevedo (UCP-CEHR); Catarina Tente (IEM-NOVA FCSH); Dolores Villalba Sola (Univ. Granada); Filipe Themudo Barata (Univ. Évora); Francisco Teixeira (Univ. Algarve); Gemma Colesanti (CNR-ISEM); João Alves da Cunha (UCP-CEHR); João Luís Fontes (IEM-NOVA FCSH; UCP-CEHR); João Luís Marques (CEAU-FAUP; UCP-CEHR); José Luís Saldanha (DINÂMIA'CET-IUL | ISCTE-IUL); José María Miura Andrades (Univ. Pablo de Olavide, Sevilla); Luís Filipe Oliveira (Univ. Algarve; IEM-NOVA FCSH; UCP-CEHR); Luís Mateus (CIAUD-UL); Maria del Mar Graña Cid (Univ. Comillas, Madrid); Maria Filomena Andrade (Univ. Aberta; UCP-CEHR; IEM-NOVA FCSH); Maria Marcos Cobaleda (Univ. Málaga); Maria Soler Sala (IRCVM-Univ. Barcelona); Mário Viana (Univ. Açores; IEM-NOVA FCSH); Marta Sancho i Planas (IRCVM-Univ. Barcelona); Nuno Estêvão Ferreira (UCP-CEHR); Pablo Rodríguez-Navarro (Univ. Politècnica de València); Paula André (DINÂMIA'CET-Iscte | ISCTE-IUL); Paulo Simões Rodrigues (CHAIA-UÉ); Rolando Volzone (DINÂMIA'CET-Iscte | ISCTE-IUL; CHAIA-UÉ); Rui Mataloto (Câmara Municipal de Redondo; UNIARQ-UL); Sofia Aleixo (CHAM-NOVA FCSH; CHAIA-UÉ; IHC-NOVA FCSH); Soraya Genin (ISTAR-Iscte | ISCTE-IUL; DINÂMIA'CET-Iscte | ISCTE-IUL); Stefano Bertocci (DIDA-Univ. Firenze); Zulmira Santos (CITCEM-FLUP; UCP-CEHR).

**Publisher:**

Centro de Estudos de História Religiosa (UCP-CEHR)  
Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa  
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa  
[www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt](http://www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt)



[cehr.ft@ucp.pt](mailto:cehr.ft@ucp.pt)



[chaia@uevora.pt](mailto:chaia@uevora.pt)



[dinamia@iscte-iul.pt](mailto:dinamia@iscte-iul.pt)



[iem.geral@fcsch.unl.pt](mailto:iem.geral@fcsch.unl.pt)



**Graphic design and execution:**

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

DOI: <https://doi.org/10.34632/9789895328741>

ISBN: 978-989-53287-4-1 [Suporte: Impresso]; 978-989-53287-8-9 [Suporte: Eletrónico] – UCP-CEHR;

ISBN: 978-972-778-237-6 [Suporte: Impresso]; 978-972-778-238-3 [Suporte: Eletrónico] – CHAIA-UÉ;

ISBN: 978-989-781-582-9 [Suporte: Impresso]; 978-989-781-583-6 [Suporte: Eletrónico] – DINÂMIA'CET-Iscte | ISCTE-IUL;

ISBN: 978-989-54529-8-9 [Suporte: Impresso]; 978-989-54529-9-6 [Suporte: Eletrónico] – IEM-NOVA FCSH;

**Legal deposit:** 503711/22

**Print Run:** 400 copies

**Funding:**



This book is financed by National Funds through FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Foundation for Science and Technology) under the scope of the projects: Ref. UIDB/00112/2020, Ref. UIDB/00749/2020 and Ref. PEST-PROG UIPD/3127/2020.

*ROLANDO VOLZONE*  
*JOÃO LUÍS FONTES*  
*DIANA MARTINS*  
*(EDITORS)*

**ARCHITECTURES OF THE SOUL:**  
**MULTIDISCIPLINARY APPROACHES TO THE EXPERIENCES**  
**AND LANDSCAPES OF SECLUSION AND SOLITUDE**


UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

LISBOA 2022




RESGATAR A IMATERIALIDADE COMO PROCESSO DE MEMÓRIA E REUSO:  
CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA

SOFIA ALEIXO

 <https://orcid.org/0000-0001-5704-9743>

VICTOR MESTRE

 <https://orcid.org/0000-0002-3547-0569>

**Resumo:** Este artigo resulta de uma longa investigação sobre o tema da valorização e integração, numa leitura culta, do processo de degradação do património integrado em articulação com as estruturas arquitectónicas. A partir da leitura estratigráfica temporal de pavimentos, paredes e/ou tectos, poder-se-á não só interpretar as lacunas através de uma observação esclarecida e assim estabelecerem-se relações de continuidade material, mas sobretudo despertar o observador para a reconfiguração imagética dessas ausências.

Os valores intangíveis que um determinado edifício deixa transparecer, no sentir do observador, consubstancia-se na leitura dos estratos físicos em perda, interpretando-os a partir da sua percepção cultural estabelecendo-se, assim, uma potencial leitura de recomposição volumétrico-formal. Este apelo aos sentidos do observador, interessado e empenhado em desvendar as lacunas do tempo e do espaço, constitui o elo de ligação das estruturas e dos bens artísticos que não se pretendem reconstruir, apenas consolidar para evitar a sua perda.

**Palavras-chave:** Convento dos Capuchos, Lugar, Intervenção, Percepção.

TO RESCUE THE IMMATERIALITY AS A PROCESS OF MEMORY AND REUSE:  
THE CONVENT OF THE FRANCISCAN'S OF THE STRICT OBSERVANCE (*CAPUCHOS*)  
OF ALFERRARA

**Abstract:** This paper is the result of an enduring research on a cultural approach to enhancing and integration topics regarding the relationship between architectural structures and its integrated heritage when in a decay process.

Floors, walls and/or ceilings enable a stratigraphic mapping of time, enlightening the visual observation of the spaces and supporting the interpretation of existing gaps. Consequently, relations of material continuity can be established, and the mere observant can be encouraged to visually reconfigure the image of these absences.

In the observer's perception, the intangible values that a certain building reveals, are embodied in the cultural reading of decaying physical strata, thus establishing a potential reading of volumetric and formal reconfiguration. This appeal to the observer senses, interested and committed to unveiling the time and space gaps, constitutes the link between structures and artistic assets that are not intended to be rebuilt, only consolidate to avoid their loss.

**Keywords:** Franciscan's of the Strict Observance (*Capuchos*) convent, Place, Intervention, Perception.

# RESGATAR A IMATERIALIDADE COMO PROCESSO DE MEMÓRIA E REUSO: CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA

SOFIA ALEIXO\*  
VICTOR MESTRE\*\*

## Introdução

Os Conventos de São Paulo (1383) e dos Capuchos (1578), que denominamos de Conventos, localizam-se a meia encosta da Serra dos Gaiteiros, na continuidade da Serra de São Luís (Figura 1), ambos integrados no sistema montanhoso da Serra da Arrábida. Na atualidade, estes Conventos, respetivas cercas, patamares agrícolas e sistemas hidráulicos, inserem-se na Quinta de São Paulo, propriedade da Associação de Municípios da Região de Setúbal. A geografia do lugar caracteriza-se pela humanização da encosta de vertentes acentuadas, expostas a sul e resultantes do aproveitamento de nascentes que emanam do interior da Serra<sup>1</sup>. Desta localização desfruta-se de uma vista desafogada para a várzea da baía de Setúbal, onde à data da construção, a cidade tardo-medieval se alinhava em redor da Rua Direita, paralela à baía. A partir desta, ordenavam-se pequenas unidades de quarteirão formadas por travessas perpendiculares. A exposição dos Conventos neste local alto, permitia que fossem avistados da urbe, a partir das ruas e veredas rurais, que comunicavam entre o campo e a cidade e vice-versa (Figura 2).

Ao caminharmos no interior da Quinta de S. Paulo, observamos vestígios de circuitos de água relacionados com ambos os conventos, cujos mananciais nascem em minas integradas nos patamares superiores e por eles deslizam em condutas e/ou caleiras de superfície. As nascentes terão ditado a escolha dos locais de assentamento dos complexos monásticos, tendo a condução e repartição da sua água definido e reforçado o desenho dos patamares agrícolas, assim como as galerias subterrâneas de escoamento, integradas no edificado, e em particular o

---

\* CHAM – Centro de Humanidades, NOVA FCSH; CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora; IHC – Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH. saleixo@fcsh.unl.pt.

\*\* Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra; Vmsa arquitectos, Lisboa, Portugal. vm@mes-trealeixo.pt.

<sup>1</sup> ANDERSEN, Hans Christian – *Uma visita a Portugal em 1866*. Lisboa: O Independente, 2001.



Fig. 1. Serra da Arrábida, Lisboa: impressão da paisagem romântica (2016). Fonte: José Manuel.



Fig. 2. Convento dos Capuchos, Setúbal (2010). Fonte: arquivo vmsa.

circuito pelos compartimentos onde a sua utilização era permanente. Salienta-se desde logo nas cozinhas, mas também nas latrinas e nas lavandarias que, no caso do Convento dos Capuchos, constituiu um pequeno edifício adossado, denominado “casa dos alguidares”.<sup>2</sup>

A alimentação dos monges e dos seus animais esteve sempre associada à água O arquiteto paisagista e engenheiro silvicultor Fernando Santos Pessoa

---

<sup>2</sup> PINA, Telmo Albuquerque – Quinta de S. Paulo. *Cadernos de Alferrara*. 0 (2017) 68.



descreve-a como «(...) explorada em fontes, poços e minas, armazenada em tanques localizados estrategicamente», que assim permitia estabelecer os locais de obtenção de produtos agrícolas, relembrando que «a alimentação básica compreenderia o pão, o vinho, o azeite, alguns legumes e algumas frutas»<sup>3</sup>. Na Serra dos Gaiteiros/São Luís, as veredas acediam aos locais de colecta de frutos silvestres, lenha, caça e plantas silvestres destinadas ao herbário conventual, sendo utilizadas para fins medicinais na doença e aromáticos na alimentação.

A Serra e os Conventos funcionaram como uma unidade paisagística onde o homem procurou colocar-se no centro material e espiritual do lugar. A harmonização terá ocorrido demoradamente, entre cíclicas vantagens e perdas de ambas as partes, restabelecendo-se os (re)equilíbrios sempre precários face às forças da natureza nas suas renovadas estações e à-vontade dos homens, perante a instalação de lugar(es) sagrados por si criados.

Ao convocar a intervenção neste património, o interesse pelos valores materiais e imateriais inseridos e percebidos na paisagem cultural de Alferrara assumiu um papel determinante<sup>4</sup>. Na reconfiguração do tempo e do lugar, num lugar onde o tempo não tem tempo e o lugar permanece, mesmo se sem pessoas mas com alma a ressoar das paredes, procurou-se estabelecer um processo de transmissão desta herança cultural à comunidade, apelando à sua partilha de responsabilidade na manutenção da integridade e da autenticidade<sup>5</sup>. Com uma ambição maior do que a necessária e urgente estabilização das estruturas preexistentes, propôs-se *reconstruir a alma* de um espaço conventual – o Convento dos Capuchos – através da discussão das definições de método e metodologia de intervenção, como conceitos fundamentais na preservação e salvaguarda de património arquitetónico quando se propõe um tempo de prudente espera, ou novos e diferentes usos para ancestrais materialidades, num processo a vinte e cinco anos<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> PESSOA, Fernando – Intervenção paisagística. *Cadernos de Alferrara*. 0 (2017) 29.

<sup>4</sup> MESTRE, Victor; ALEIXO, Sofia – El movimiento de las sombras en el Convento do Carmo (Lisboa) y en el Convento dos Capuchos (Setúbal). *Loggia*. 30 (2017) 32-51.

<sup>5</sup> MESTRE, Victor – A “reconfiguração” do tempo e do lugar como ética de intervenção nos Conventos de São Paulo e dos Capuchos na Serra da Arrábida. In MOTA, Arlindo, ed. – *Movimento Cultural*. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal, 2014, p. 103-108.

<sup>6</sup> *Projecto de Estabilização e Valorização das Estruturas existentes e instalação de percurso de visita* (2010 | 2012) de vmsa arquitectos (Arqts. Victor Mestre e Sofia Aleixo) com A2P Consult – Estudos e Projectos (Engos. João Appleton e Pedro Ribeiro) e António Vasques (Conservação e Restauro); Dono de Obra: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS). “Plano Director de Conservação, Restauro e Reversão da Unidade Patrimonial da Quinta de São Paulo, Alferrara, Setúbal” (25 Maio 2017).

## Intervir

As análises metodológicas que fundaram os processos de conservação e potencial restauro dos Conventos (Figura 3), têm na sua génese um sentimento difuso, relacionado com a perplexidade que nos envolveu na primeira visita resultante do contexto paisagístico, onde se inscreviam as suas ruínas e a atmosfera interior, enigmática e misteriosa, que nos envolveu e emocionou. As forças telúricas emolduradas pelas neblinas que determinavam apontamentos naturais revestidos por uma película translúcida e humedecida pelas brisas instáveis, emergiam como contraponto das ruínas, enquanto materialidades em decomposição que adquiriam tonalidades vibrantes na sua expressão artística enquanto estabeleciam um integrado diálogo com a paisagem.

A intensidade arbustiva envolvente adquiria particular identidade, confirmando as palavras de Orlando Ribeiro ao identificar que «domina um *maquis* arbustivo, (...) constituído principalmente por aroeira (lentisco) e carrasco (*Quercus coccifera*), com o cortejo de plantas odoríferas, alecrim e tomilhos», reforçando a especificidade de se estar perante «uma vegetação mediterrânea, meridional portanto, onde o carvalho português introduz uma cambiante atlântica»<sup>7</sup>. O Atlântico defronte desta paisagem amaciada, deste “fragmento do Mediterrâneo” como lhe chamou José Mattoso<sup>8</sup>, espraia-se num último fogo identitário entre os areais de Tróia e a Serra da Arrábida.

As veredas que serpenteiam o interior da Serra são testemunhos da uma ancestral humanização, que lentamente foi modificando a paisagem através do efeito recolector do pastoreio e pontualmente por via de assentamentos de casais, de quintas de produção e de pequenos eremitérios. A água e a qualidade dos solos determinaram a quase ausência de povoamento, na zona das serras afigurando-se como determinante nessa ponderada apropriação territorial de penetração do interior. Orlando Ribeiro considera que a conjugação desses dois factores «repele o povoamento não só pela hostilidade do relevo, mas principalmente pela escassez de águas, que o terreno calcário não retém, e pela deficiência dos solos cultiváveis»<sup>9</sup>. A beleza maninha desta vasta região envolve ainda pequenos paraísos onde o homem se recolheu em refúgio, meditação e edificação espiritual. A estes valores associou-se o sentido de abrigo, integrado no contexto físico, trabalhado em plataformas de modo a facilitar o trabalho agrícola em articulação com a irrigação.

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida: esboço geográfico*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1986, p. 97.

<sup>8</sup> MATTOSO, José; BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne – *Portugal: o sabor da terra*. Lisboa: Temas & Debates / Círculo de Leitores, 2010, p. 508.

<sup>9</sup> RIBEIRO – *A Arrábida*, p. 82-83.

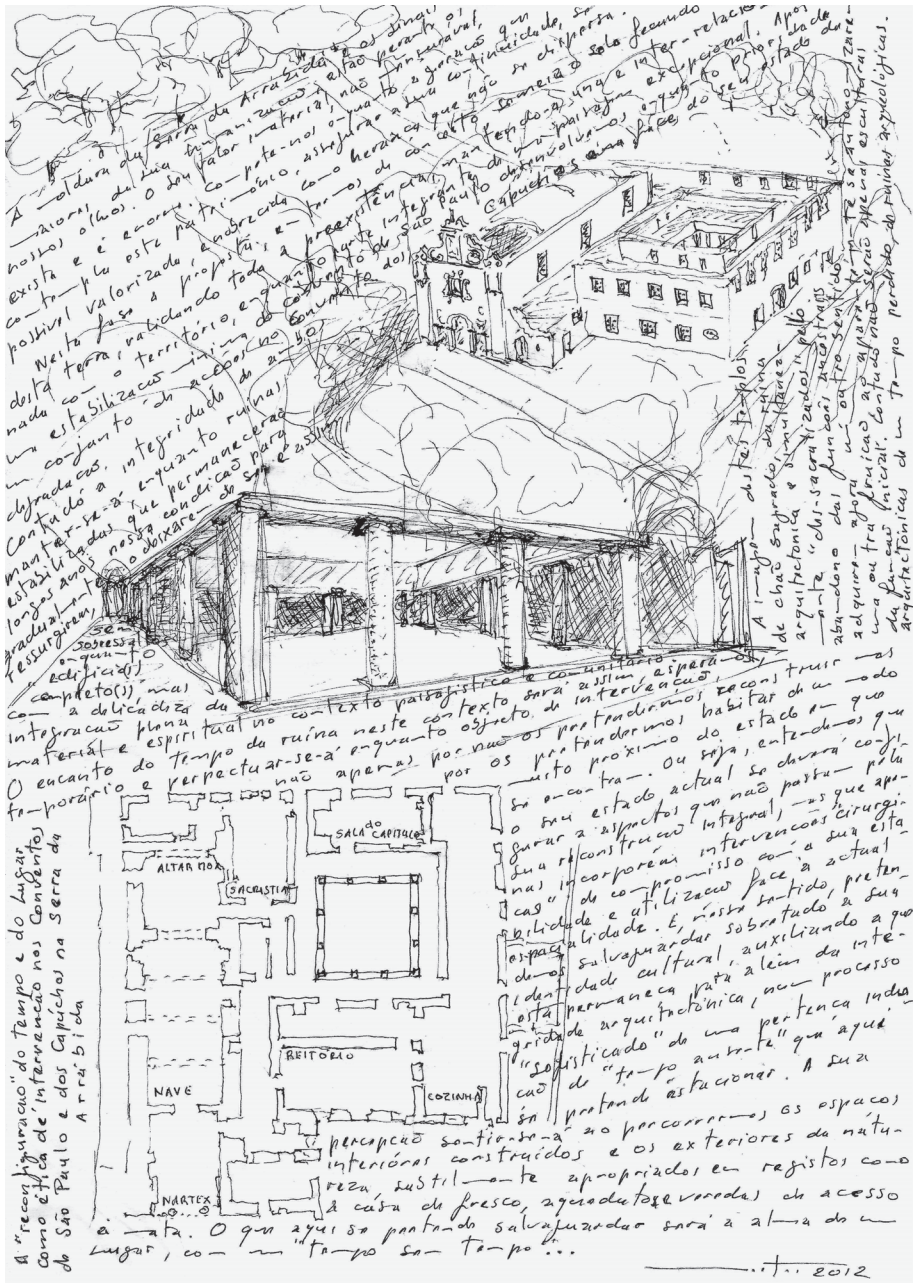


Fig. 3. Convento dos Capuchos, Setúbal: escrita desenhada (2012). Fonte: Victor Mestre.

A força deste lugar residirá precisamente nessa natural e intangível mediação de forças abstratas, determinadas pela legitimação religiosa, de interceção pelas almas a troco de doações de diverso tipo e origem. As mais comuns correspondem a terras de produção, casas e animais de trabalho e/ou de produção, mas também dinheiro e outros bens imóveis, conforme refere João Luís Fontes reportando-se ao Convento de São Paulo: «Pobre da provença de Alferrara, adquire em 1494, para o eremitério, um casal que lhe ficava contíguo, com suas terras de pão, pinhal, forno de cal, pedreiras e oliveiras»<sup>10</sup>. Estes recursos mantinham no plano financeiro as ordens religiosas, garantindo-lhes a aura de lugar divino consoante o esplendor dos seus templos. O poder de atração das formas arquitetónicas, dos símbolos religiosos, da ornamentação, principalmente interna, terá contribuído para a credibilidade institucional a quem se confia bens e a perpetuação da memória da sua alma<sup>11</sup>.

O Convento dos Capuchos certamente que cumpriu com estas premissas, exibindo na sua fachada os símbolos da congregação, integrados numa fachada de desenho harmonioso e canónico. O pórtico, formado por uma serliana, suporta uma fachada que acentua verticalidade, confirmada pela única nave da igreja que intercepta o cruzeiro centralizado por uma singular abóbada. A arqueologia paramental revela apontamentos do que terá sido o património integrado, entre azulejaria, estuques em baixo e alto relevos e obras de pintura a fresco. Alguns orifícios em cantaria e nos paramentos serão resultado de suportes de talha dourada. Perceciona-se que terá sido um templo de regra arquitetónica, onde se instalou um conjunto de elementos decorativos articulados e ordenadores do sentido do espaço e da função.

O atual estado físico de todo este conjunto adensa o sentido das emoções que vão trespassando o observador à medida que o olhar prospeta a materialidade. A cada descoberta, com a ajuda das nuances da ténue luminosidade, esta vai libertando um maior fluxo imaginativo, contribuindo para uma outra forma de interpretar o templo, sentindo o pulsar da espacialidade nas suas vivências passadas reflectidas no presente. Esta renovada admiração pelo esplendor, apesar de apenas percecionado, colocará o observador numa proximidade com os que no passado vivenciaram o templo intacto, perfeito (Figura 4).

<sup>10</sup> In Arquivo Nacional da Torre do Tombo [ANTT]. Mosteiro de Nossa Senhora da Consolação de Alferrara, m. 3, nº 64, cf. FONTES, João Luís Inglês – *Da «pobre vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2012, p. 347 (Tese de Doutoramento em História).

<sup>11</sup> MESTRE, Victor; ALEIXO, Sofia – Convento dos Capuchos. Acedido em: <http://www.habitarportugal.org/pt/projecto/convento-dos-capuchos/>. Consultado em 09/2018.



Fig. 4. Convento dos Capuchos, Setúbal: património integrado (fresco) (2012). Fonte: arquivo vmsa.

Esta percepção do território e da arquitetura insere-se numa leitura fenomenológica de que Juhani Pallasmaa<sup>12</sup>, bem como Christian Norberg-Schulz<sup>13</sup>, terão sido precursores no entendimento da arquitetura como experiência dos sentidos. E este será o maior contributo do projecto de conservação e contenção da ruína, em que se procura ir além da intervenção mínima, instalando condições para a interpretação difusa, diversa, não estática, ou seja, é precisamente através da ausência das materialidades que se pretende fixar a imaginação do observador, que se procura proporcionar a experiência tranquila do tempo. Ao não orientar imediatamente a intervenção por noções clássicas de conservação do património como função, uso ou valor do monumento<sup>14</sup>, se evitará a adesão imediata a uma verdade única, que o será hoje, mas que, ao ser materializada, comprometeria leituras e percepções futuras.

<sup>12</sup> PALLASMAA, Juhani – *The eyes of the skin: architecture and the senses*. Chichester: Wiley-Academy, 2005.

<sup>13</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli, 1984.

<sup>14</sup> MUÑOZ VIÑAS, Salvador – Contemporary theory of conservation. *Studies in conservation. Reviews in Conservation*. 3:1 (2002) 25-34.

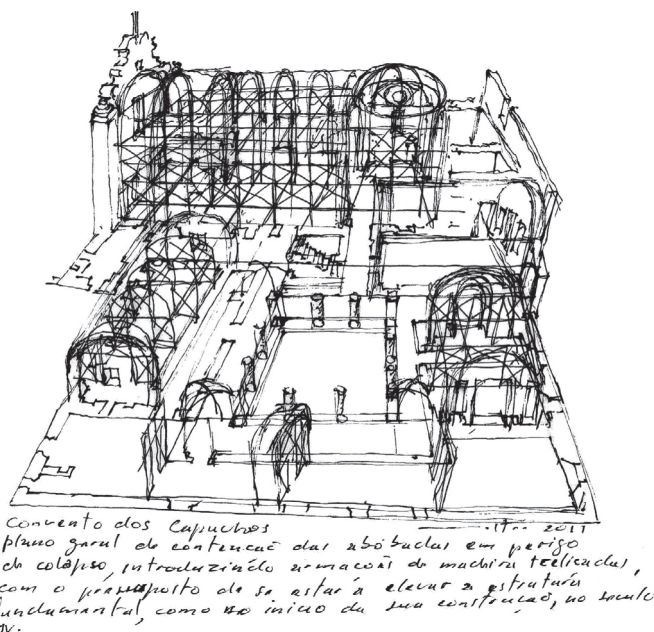


Fig. 5. Convento dos Capuchos, Setúbal: desenho estrutural (2011). Fonte: Victor Mestre.

Associada a esta perspetiva de olhar o invisível, e de sentir o passado, instalou-se um conjunto de estruturas de madeira (Figura 5) que, para além da sua função estrutural de contenção de ruína, procuram repor o sentido do estaleiro de obra do monumento, da elevação do templo em diferentes fases temporais. Treliças e cimbros de madeira interferem de modo ordenado nas espacialidades permitindo esta dupla interpretação de *obra em curso* e de leitura do património artístico integrado, desestruturado pela perda de materialidade da composição artística.

## O Convento

Exteriormente a ruína permanece quase intocável, ainda que estabilizada através da instalação de grelhagens de tijolos furados no preenchimento de vãos, cujas padieiras cederam ao longo do tempo. Esta opção de grelhagem estrutural procura estabelecer uma relação histórica com as grelhagens de madeira e ferro que se instalavam nos conventos de modo a resguardar das vistas do exterior para a intimidade da vida conventual (Figura 6). Estes tijolos furados de cimento, caiados de branco, contrastando com as paredes escurecidas pelo tempo e ausência de manutenção, procuram repor esse ideário, acentuando a fronteira entre o mundo profano exterior e o mundo sacro interior. A sua função estrutural, reside na garantia de estabilidade dos vãos em risco de colapso (Figura 7).



Fig. 6. Convento dos Capuchos, Setúbal: aproximação (2016). Fonte: José Manuel.



Fig. 7. Convento dos Capuchos, Setúbal: tijolo furado enquanto filtro de luz (2016). Fonte: José Manuel.

Nesta intervenção não existe reconstrução, reabilitação nem mesmo restauro. O que se propõe é tão somente sustentar a ruína de modo a permitir estabelecer um plano director de intervenção pontual e articulado, em determinados espaços e elementos construtivos cruciais para a estabilização global do conjunto edificado. A ruína deve permanecer ruína com condições de segurança para usos específicos subordinados à condição de ruína cultural.

## O Lugar

O edificado erudito funda um novo lugar, partindo de uma percepção territorial vasta e complexa, mas também restrita e particular, no sentido em que se implanta o cânone arquitetónico da Ordem, numa harmonização entre o natural e o espiritual. O convento que actualmente visualizamos, resulta da acumulação do tempo que por ele passou e deixou impresso nas paredes vivências diversas. Os espaços interiores, à medida que os percorremos com o olhar, melhor pressentimos essas vivências que ressoam nas paredes, não apenas pela violência da sua ruína, mas pela vibração dos pontos de luz, matizados pelos tons que emergem das paredes e se perdem como o eco libertado por palavras projetadas no espaço.

O que hoje se observa revela algo mais do que a exclusiva expressão do edifício que se edificou há cerca de 300 anos com o rigor canónico da congregação religiosa. O convento atual, e apesar do seu estado de ruína física, entretanto estabilizada, mantém a sua identidade reconhecível, apesar da ausência do uso primordial<sup>15</sup>. O tempo constitui um factor adicional de continuidade nesta leitura, precisamente o de lugar de memória religiosa, histórico-cultural e social. Este novo valor cumulativo constitui o cerne do conceito de intervenção enquanto reflexão, projeto e realização física, entretanto realizada. Procurou-se relacionar e homogeneizar o edificado com as marcas do tempo impressas nesta unidade arquitetónica e paisagística, formando uma unidade estética indivisível. Deste modo se entenderam as derrocadas volumétricas, as lacunas paramentais, as perdas artísticas, associadas às espacialidades e aos sentidos do uso, de modo a despertar o observador para uma leitura interpretativa. A ascensão desta percepção recreativa ainda que ficcionada, procura ser o elo de ligação entre as partes físicas desligadas e/ou desvanecidas no plano arquitetónico/artístico e a emanção dos valores intangíveis em presença. Através de um olhar contextualizado pela intermediação das subtis intervenções introduzidas, pretende-se que o observador reconfigure o contexto que observa, apesar de parcialmente ausente no plano físico. Esta aproximação tem ainda a particularidade de proporcionar leituras

---

<sup>15</sup> Sobre a identidade dos conventos capuchos veja-se FONTES, José Luís Inglês, ed. – *O Convento dos Capuchos: Vida, memória, identidade*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2013.





Fig. 8. Obra em curso: circuito de visita em segurança por entre estruturas de sustentação (2016).  
Fonte: José Manuel.

de realidades em potencial construção arquitetónica e complementarmente integração de intervenções artísticas nas suas diversas fases e não necessariamente a sua destruição. O sentido que se propõe é o de um estaleiro de *obra em curso* (Figura 8) onde, inclusivamente, se poderá percecioniar a complexidade da construção e das camadas que se sobrepõem até à arte final, mensurando o tempo como um incontornável elemento da construção.

### **Tempo: Memória e Reuso**

Esta intervenção, procura corporizar um conceito de intervenção em património que procuramos incessantemente ao longo de anos de investigação e intervenção, teorizar e aplicar nas nossas análises a determinados estados de degradação a que chegam edifícios com estima patrimonial. Procuramos elevar conceitos e abordagens de intervenção para um novo patamar teórico/prático de

modo a compreender os edifícios e os seus valores arquitetónicos, estruturais e artísticos através da sua perda de materialidade no limiar da sua sustentabilidade e compreensão espacio-funcional, volumétrico-formal e expressão artística. O Convento dos Capuchos representou a nossa maior experimentação neste processo. A introdução e valorização do fator tempo neste método de intervenção no património, terá agora de ser monitorizado no presente e no futuro para se poder avaliar a sua justeza no plano teórico e eficácia no plano da materialidade.